

Acuda e os Presidiários: Uma Análise Institucional

Naiara Valéria Reis Ramalho – naiara_valeria@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia

Alessandra Machado – allessandramachado@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia

Pedro Vasconcelos Correa – pedriinhonetto@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia

Resumo

O sistema prisional brasileiro está defasado. Ao longo de diversos anos, o sistema carcerário teve como principal característica servir como cativeiro humano, sem proporcionar as condições adequadas para alcançar a sua finalidade, ilustradas como o retorno de um detento ao seu convívio social, sem que ele seja considerado um risco para a sociedade (ALENCAR, 2009). O sucateamento do sistema prisional reflete os diferentes pensamentos sociais, os quais desprezam e não reavaliam a maneira como os detentos são tratados dentro dos presídios.

Palavras-chave: Presidiários. Sistema prisional. Análise.

Introdução

Os índices referentes à população encarcerada são alarmantes. Segundo o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – INFOPEN, numa pesquisa realizada no mês de Dezembro de 2008, tem-se no Brasil um total de 401.284 encarcerados entre homens e mulheres, para um total populacional brasileiro de 185.821.816. No que diz respeito ao Estado de Rondônia, sua população carcerária somando-se o sexo feminino e masculino, tem-se o número total de 5.870, para um contingente populacional estadual de 1.385.657 habitantes.

Paralelo a esse contexto os diferentes seguimentos da sociedade possuem pensamentos diversificados sobre a realidade prisional. A literatura relata o preconceito que os desviantes vivenciam cotidianamente e a forma como os diferentes estigmas contribuem para segregá-los. O preconceito socialmente construído atravessa a todos, e somente quando nos deparamos

com a realidade cotidiana dos presidiários podemos refletir e desconstruir em nossas relações, os mitos, medos e angústias que surgem quando se trabalha pela primeira vez com presos.

Esse trabalho consiste então, em uma análise institucional baseada no olhar psicológico e a realidade cotidiana de uma instituição que atende presidiários, vivenciada por alunos de psicologia no decorrer de um ano de trabalho.

No decorrer da disciplina de Técnicas de Aconselhamento Psicológico, ministrada pelas professoras Dr^a. Vanessa Lima e pela Dr^a. Hercília Junqueira, no primeiro semestre de 2010, na Universidade Federal de Rondônia, nos deparamos com a possibilidade de desenvolvermos a atividade prática da disciplina com presidiários. Diante de tal possibilidade, os preconceitos emergiram e diferentes idéias e pensamentos contribuíram para a criação de uma realidade fantasiosa acerca dessa população. Diante do medo e das angústias, com mais incertezas do que verdades iniciaram-se os atendimentos com os detentos apenas com o domínio da técnica, e controle do nosso próprio instrumento, nós mesmos.

No decorrer dos atendimentos os diferentes preconceitos foram sendo gradativamente desmistificados. As idéias e visões acerca dos detentos foram reconstruídas, com o viés de seus discursos sobre sua própria história de vida, resgatada no decorrer de cada atendimento e relações no interior da instituição. No final da atividade realizada, tínhamos certeza de que a realidade prisional possuía diferentes olhares, sendo o dos detentos, o olhar mais negado diante da análise do sistema e diante de uma análise do sistema social maior. Estávamos então, diante de um problema multifacetado.

No segundo semestre do mesmo ano, diante da realidade que surgiu e da necessidade de nossa permanência na instituição, foi criado o projeto de extensão “Plantão psicológico a encarcerados” realizado no interior da instituição com os detentos e o projeto “Atendimento psicológico aos familiares dos encarcerados do Projeto Bizarrus” realizado com as famílias dos presidiários, ambos com orientação da professora Dr^a. Hercília Junqueira. Essas atividades nos reaproximaram da problemática, necessitando uma nova maneira de atuação e acolhimento.

A idéia de realização do projeto surgiu no momento em que a realidade institucional direcionada pelo olhar dos detentos nos indagou do nosso papel enquanto estudante de psicologia e do retorno de nossa formação para a sociedade, e também da necessidade de escutarmos aqueles que por diferentes motivos foram excluídos da sociedade e tiveram seus destinos traçados por diferentes idéias e preconceitos presentes em sua história de vida (JUNQUEIRA, 2005).

O trabalho realizado e ainda em andamento possibilita um exercício diário de empatia com o outro, em uma realidade marcada por diferentes fatores que tolhem o humano presente nos presos de se manifestar. No entanto, são muitos os obstáculos que cruzam nosso caminho, nas relações cotidianas no interior da instituição muitos são os analisadores e atravessamentos que contribuem para compor uma análise da instituição e das relações ali estabelecidas, pensando nessas questões, direcionamos nosso olhar agora para a instituição e as relações nela mantida.

A instituição ACUDA: funcionamento e cotidiano

A Associação Cultural e de Desenvolvimento do Apenado e do Egresso (ACUDA) – (Organização Não- Governamental - ONG), foi fundada em julho de 2001, criada para dar apoio aos apenados. Inicialmente a ACUDA era sediada no espaço do Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST/ SENAT), localizada na zona sul de Porto Velho. A história de sua criação está vinculada a dois movimentos diferentes, e ainda hoje não se sabe ao certo o que influenciou mais efetivamente a sua fundação.

A primeira história de criação está relacionada à criação do grupo de teatro Bizarrus, no qual todos os atores eram apenados. Bizarrus iniciou suas atividades por volta de dez anos atrás, os apenados além de receberem os treinamentos e ensaios necessários para a encenação, também passaram pela experiência de várias terapias e psicoterapia, sendo a professora Dr^a Hercília Junqueira uma das psicoterapeutas de linha de frente deste trabalho. A partir deste momento em que os presos passaram a receber atenção e tratamento

diferenciado, no qual eles puderam mostrar seu talento e sua história através da arte, e também puderam mergulhar na busca pelo autoconhecimento, foi que se percebeu e acreditou na importância deste trabalho e também a necessidade de mantê-lo.

O outro fator que influenciou a criação da ONG foi o movimento que estava começando a se evidenciar na atenção ao menor infrator, no qual, esses adolescentes passaram a receber cursos profissionalizantes e outras atividades que iam além da reclusão. Diante disso, mais uma vez percebeu-se a necessidade de também oferecer outros programas de reinserção social ao adulto apenado.

No final de 2005, a ACUDA mudou de endereço. Atualmente está localizada ao lado da penitenciária Ênio Pinheiro, Porto Velho/RO. Uns dos motivos que contribuiu para a mudança foi o fato de que desde o início a ONG não poderia permanecer no SEST/SENAT, pois este se trata de um local da iniciativa privada. Além disso, também havia a dificuldade de escolta e transporte para os apenados se dirigirem ao SEST/ SENAT.

Um analisador é um evento que a partir dele houve transformações à Instituição (BENEVIDES, 2007), um dos analisadores da ACUDA foi o seu deslocamento da ONG do SEST/SENAT para o local atual, localizado ao lado do presídio Ênio Pinheiro. A escolta para os apenados que se dirigirem à ACUDA se mostrou um problema que ainda hoje permanece, pois inicialmente estava relacionado ao transporte e ao número de agentes que deveria ser maior já que os presos eram deslocados à uma distância considerável dos presídios, porém, até três meses atrás a escolta continuava sendo um problema pois os agentes não entendiam e nem valorizavam a proposta da ACUDA, afirmando que este tipo de projeto é *passar a mão na cabeça de vagabundo*, pensamento este que dificultava as relações ali estabelecidas.

Considerando que para Lapassade (1977), analisador é um “acontecimento, indivíduo, prática ou dispositivo que revela, em seu próprio funcionamento, o impensado de uma estrutura social” (RODRIGUES E SOUZA, 1991, p. 39) e que este evento quando ocorre modifica a estrutura social de um determinado grupo, essa mudança de local foi um analisador para

a história da ACUDA, sendo que a partir desta mudança é que a ONG, se estruturou e iniciou seu processo de expansão.

Atualmente, o espaço físico da ACUDA conta com um almoxarifado, um pátio e uma sala da diretoria, uma sala climatizada que dispõe de cadeiras, televisão e DVD, e um salão onde são realizadas as terapias.

Com a ampliação do espaço físico da instituição foi possível aumentar a quantidade de vagas fornecida, atualmente a ACUDA oferece cinquenta vagas, porém são atendidos sessenta apenados. Informação que nos levou a questionar o porquê oferecer uma quantidade inferior ao dos atendidos, já que esse atendimento conforme a coordenação tem sido satisfatório, qual a necessidade de afirmar que a instituição tem atendido além de suas vagas oferecidas? Vale ressaltar, que a expansão dessas vagas se deu principalmente devido a nova formação do Bizarrus e o retome dos ensaios e apresentações, ocorrida no segundo semestre de 2010.

O ambiente físico pelo que aparenta supre a necessidade atual da ONG, no entanto, esta tem buscado ampliar suas instalações visando atender mais detentos, o que é muito importante, porém, ao questionarmos sobre as dificuldades que a instituição tem passado, o coordenador operacional, afirma que esta já passou por várias dificuldades e a única dificuldade que este pontuou foi em relação ao espaço físico. Percebemos que esta preocupação com espaço físico e sua ampliação, faz com que outras dificuldades não sejam percebidas e discutidas.

Concordamos com o coordenador da ONG, com a necessidade de ampliação, pois somente assim esta poderá atender mais detentos, porém, esta não pode ser o único foco de discussão da mesma, e seus planos futuros não podem resumir-se somente à estrutura. Atualmente a ONG tem o projeto de ampliação, como a aquisição de instalações localizadas ao lado de onde funciona a ACUDA. Sendo através desta ampliação que a instituição poderá melhorar suas dificuldades em relação à implementação de uma nova cozinha e também da ampliação da estrutura da instituição com vistas ao atendimento de um maior número de apenados.

Hoje, a ACUDA conta com uma equipe composta por uma pedagoga, um técnico administrativo, uma tesoureira, um coordenador operacional, um

coordenador terapêutico, um chefe de oficina, dez detentos que são bolsistas responsáveis por auxiliar na operacionalização da ONG. Conta também, com a colaboração de pessoas como a Eliana que trabalha com artes plásticas, Expedita Fátima com o Reiki, Neide massoterapia, Elba Terapia Comunitária, Pedroso com dinâmica de grupo, Luis atividade terapêutica, Marcelo e Reginaldo com o teatro e movimento do corpo, Hercília coordenadora da psicoterapia, além da participação direta e indireta de 15 estagiários de psicologia coordenados pela docente acima citada, e Ezilda, voluntária que acompanha o processo familiar. A presidência da ONG é ocupada por Luiz Carlos Marques e a vice pelo Flávio. Nas palavras do presidente, em entrevista dada ao site < <http://www.coepbrasil.org.br/>>, o objetivo da ACUDA é:

Desenvolver e apoiar projetos sociais, jurídicos, profissionalizantes, culturais e espirituais em prol da comunidade carcerária, dos seus egressos e familiares do sistema prisional de Porto Velho. Tudo em parceria com a Secretaria de Estado de Justiça (SEJUS), Vara de Execuções Penais, Conselho da Comunidade na Execução Penal de Porto Velho, Serviço Social do Transporte e contamos também com o patrocínio do Banco da Amazônia e da Fundação Banco do Brasil. (MARQUES, 2010).

Além das terapias, os detentos participam de atividades como palestras sobre saúde, segurança, família e prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), e também assistem a vídeos e filmes educativos e/ou reflexivos. São realizadas também aulas de informática e de alfabetização. Recentemente, também foi instalado um consultório odontológico no local onde funcionava uma cozinha.

Diferentes eventos em uma instituição contribuem para transformações em sua dinâmica. Sendo a instituição entendida como conjunto de normas, padrões e atividades agrupadas em torno de valores e funções sociais, assim como instituição como organização, que além de possuir todas as características de uma instituição, possui a especificação hierárquica, logo possuindo uma localização física delimitada (BLEGER, 2007) a instituição além da organização social precisa ou não de um ambiente físico onde as relações de grupo possam ocorrer.

Analisadores

No interior de uma instituição, diferentes eventos são instituídos enquanto normas a serem seguidas. Segundo Severo (1993), instituído é um evento estabelecido, “é o caráter de fixidez. Cristalização das formas de relação” (p.21). Os fatores da seleção dos participantes na ONG são diversos tais como o presidiário ter bom comportamento e ser indicado, ou pode ser pelo diretor do presídio, direção da ACUDA ou pelos apenados que já participam do projeto, o coordenador da ACUDA, Rogério Araújo, nos falou somente estes dois critérios, porém, os atendidos afirmam que existem regras também em relação à indicação, pois segundo eles se o apenado indicado fugir a pena do atendido que o indicou pode ser aumentada. Porém, esses dados não ficaram claros durante a entrevista com o coordenador.

A concorrência para participar do projeto é alta, segundo o coordenador operativo, existe uma longa lista de espera. Para ilustrar as consequências para os que não obedecem as regras, relatamos um caso de um apenado que freqüentava a ACUDA, este foi pego com drogas dentro da ONG, o que acarretou o seu retorno ao regime fechado e sua exclusão do projeto, decisão esta acordada entre a direção do presídio e da ONG.

As atividades realizadas na instituição cumprem a função de instituintes, pois segundo Severo (1993) os instituintes consistem na capacidade de inventar novas relações, novos movimentos de cisão com as ideologias vigentes na instituição. As atividades realizadas são então, instituintes que visam restabelecer o movimento de consciência do apenado. Por meio das atividades, o detento tem a possibilidade de se reeducar e por meio da ocupação modificar seu comportamento repetitivo. A ONG oferece oficinas de capacitação profissional e aprendizagem de artesanato em madeira, cerâmica, teatro, artes plásticas e hortifrutigranjeiras.

Temos desenvolvido o gosto pela empregabilidade e geração de renda com terapias complementares e espirituais como a massoterapia ayurvédica, banho de argila, terapia reiki, meditação, canudo chinês, jogos lúdicos, artes cênicas e ainda com uma livraria espírita, que vem abrindo caminhos novos na expansão da consciência iluminativa, proporcionando aos detentos um contato íntimo consigo mesmo, vislumbrando a realidade do ser, do seu destino e das possibilidades que jazem adormecidas em seu interior,

e que dificultam a percepção do seu estado de cidadão do mundo com direitos e deveres. (MARQUES, 2010)

Ainda sobre as terapias realizadas na ONG destacamos que o grupo é sempre uma instituição muito complexa, ou melhor, é sempre um conjunto de instituições, mas ao mesmo tempo tende a estabilizar-se como uma organização, com padrões fixos e próprios (BLEGER, 2007), de maneira que as terapias funcionam como fatores integrados dos presos na construção de características que possam nortear uma definição de instituição geral para a ACUDA.

Podemos inferir, que outro analisador na ACUDA foram os convênios realizados recentemente, que por meio deste aumentou o quadro de funcionários e a contratação de novos agentes penitenciários. Essa contratação gerou várias mudanças, pois novas atividades foram iniciadas, como a alfabetização dos presidiários e maior controle das atividades, sendo inseridas mais atividades educativas, como palestras.

Porém, a contratação dos novos agentes penitenciários, trouxe a impressão de que todo o trabalho modificou-se, pois estes receberam treinamento específico para trabalhar com este público, entretanto os mesmos continuam atravessados pela ideologia de que este tipo de acompanhamento ao apenado é “*passar a mão na cabeça de vagabundo*” e que eles são trabalhadores e não têm o atendimento que os presos possuem e nem psicólogo para acompanhá-los. Segundo a coordenação, a contratação destes novos agentes o acesso a ONG tornou-se mais restrita e rigorosa, no entanto, pelo que percebemos, o mínimo que é a identificação na entrada muitas vezes não é realizada.

As normas e a dinâmica institucional

Para Lapassade (1977) *apud* Guirrado (1998), a instituição é “o conjunto do que está instituído e, enquanto jurisdição e política, pauta toda e qualquer relação” (p. 29). Sendo assim as instituições são sim os dispositivos instalados no interior destes, é o que sobredetermina o tipo de relação nestes constituídas. Bleger (1984), por sua vez, usa o conceito de instituição que se refere a instituição como uma organização de caráter público ou semipúblico,

que requer um estabelecimento físico e um fim socialmente reconhecido e autorizado. Para Bleger (2007), o que define uma instituição é justamente o conjunto de normas e regras que regem a mesma.

Dentro desta perspectiva observamos que as normas e regras existem e que são permeadas, principalmente, no contrato de permanência na mesma. Segundo o Rogério Araújo, os apenados que não cumprem as regras não podem permanecer no projeto. Entretanto, este não deixou claro que regras seriam essas, porém, ao contrapormos com o discurso dos presidiários, eles afirmam que estas regras estariam relacionados a entrada de drogas e/ou celulares através de visitas realizadas na ONG.

A ACUDA possibilita aos apenados um espaço amplo de liberdade. No entanto, em relação às drogas, a instituição já vivenciou problemas envolvendo alguns dos atendidos. De maneira que os diversos atores institucionais têm sido conscientizados dessa problemática por meio de palestras e terapias, e com isso intervêm para a diminuição da presença de drogas na ONG. Dessa forma, observamos que essa intervenção juntamente com a troca da equipe de vigilância foram analisadores para que a presença de drogas diminuísse na instituição. Pois segundo Rogério, a equipe anterior de agentes, foi responsabilizada por deixar entrar qualquer pessoa na ONG, o que facilitava a entrada de substâncias ilegais.

Para a gerência da instituição, a atual equipe de vigilância já possui um preparo maior para lidar com os detentos. Dessa maneira, diante do problema das drogas a instituição não acobertou, lidou com o problema de frente responsabilizando os participantes de maneira que eles mesmos tivessem consciência de seus atos. A ONG por meio da conscientização e do acolhimento facilita a reinserção do apenado à sociedade. E ao mesmo tempo, todo presidiário que entra na ACUDA fica ciente das normas da mesma, de maneira que a sua transgressão possa ser punida e por eles próprios identificada.

Entretanto, mesmo estas regras estando claras para os detentos, o que funcionários e apenados que estão há mais tempo na instituição nos relatam é que ocorre sim a entrada de drogas e celulares na ACUDA. E ao relacionarmos com a nossa experiência, podemos inferir que existe sim essa possibilidade já

que presenciamos a chegada de familiares no local fora do horário de visita para fazer alguma entrega para os apenados e estas entregas não foram fiscalizadas, não sabemos se é rotineiro este acontecimento, mas acreditamos ser válido relatar esta nossa experiência.

Reconhecemos que a ACUDA enquanto coordenação, preocupa-se com a questão das drogas, o que ficou bem claro, com a contratação e treinamento desta nova equipe de agentes. Porém, é necessário manter esse programa de conscientização do apenado e do visitante que entra na instituição, e também maior fiscalização da coordenação para com os agentes e equipe que trabalha na mesma.

ACUDA e sua relação com o ambiente

Uma das formas de interação da ACUDA com a comunidade é através da venda dos artesanatos confeccionados na ONG. Estes são vendidos na loja anexa à ONG, no SEST/SENAT e na Expovel (Exposição Agropecuária de Porto Velho). Outra forma de interação é por meio do teatro Bizarrus. O trabalho realizado pelo Bizarrus é desenvolvido há aproximadamente dez anos, e já se apresentou em outros estados do Brasil, sendo reconhecido e valorizado nacionalmente.

A alternativa encontrada para compreender a representação social que se tem da ACUDA, foi através de notícias divulgadas no ano de 2010 em alguns sites da internet. A partir desta pesquisa pudemos perceber que a ACUDA e seu trabalho com o Bizarrus é visto com admiração não somente em Porto Velho, mas por todo o Brasil.

No ano de 2010, Bizarrus, foi citado como modelo no site <<http://www.crimecongress2010.com.br>>, o qual divulgou 12º Congresso das Nações Unidas sobre a prevenção ao Crime e a Justiça Criminal Entretanto, notamos que há uma superestima quanto o andamento e conquistas do projeto, chegando mesmo ao ponto de não condizer com a realidade. Como no caso da notícia veiculada pelo site: <<http://www.crimecongress2010.com.br>>, no qual afirma que o nível de reincidência entre os apenados atendidos pelo Bizarrus era de zero, o que segundo nossa entrevista, contato tanto com os

apenados e com a coordenadora da psicoterapia na instituição, não é uma realidade, a maioria saiu do crime, porém, existem aqueles que por diversos fatores voltam a cometer delitos. Há também uma superestima em relação ao número de presos atendidos, segundo o site a ACUDA atende cem presos, entretanto, a ONG, possui capacidade para atender no máximo sessenta detentos.

Outro site, que encontramos algumas informações contraditórias, é o <<http://www.responsabilidadesocial.com>>, no qual afirma que

Para participar das atividades é preciso ter no mínimo seis meses de pena a cumprir em um dos presídios da cidade, ter família e residir no município de Porto Velho. Também é necessário estar matriculado no ensino fundamental ou comprovar a conclusão do ensino médio. As oficinas são realizadas nas dependências da Acuda, instalada na Estrada da Penal, próximo ao presídio Ênio dos Santos Pinheiro. (RIBEIRO, 2010)

Atualmente sabemos que existem presos participantes da ACUDA que somente agora iniciaram seu processo de alfabetização. Estas matérias foram publicadas neste ano de 2010 e ambas não revelam quem cedeu às informações. Diante disso, podemos perceber a intenção de mostrar padrões de excelência da ONG, talvez demonstrar que esta tem tido bom andamento e que não passa por dificuldades, nos questionamos sobre a importância de divulgar essa imagem tão perfeita da instituição. Quais os ganhos que se tem ao transmitir essa representação para a população que não conhece a realidade e o trabalho efetivo da ACUDA?

Acreditamos que a relevância social da ACUDA é inquestionável, e que realmente seus resultados foram extremamente positivos socialmente, pois possibilitou que apenados tivessem uma melhor relação consigo mesmo, mediado pelas oficinas e pelas terapias, e estas influenciaram sua melhor relação não somente dentro presídio, mas também, na reinserção destes na sociedade. Muitos dos que participaram da ACUDA não praticaram novos delitos. Entretanto, pensamos não existir a necessidade de mascarar ou aumentar os resultados da mesma, pois o trabalho por si só é referência.

ACUDA e suas relações cotidianas

Os agentes são atravessados, entende-se por atravessamento como reproduções da sociedade e resistências às transformações pressupostas pela utopia social e seus princípios (BAREMBLITT, 1996), pela idéia de que os apenados não podem ser ressocializados, que *vagabundo não tem jeito*, deve mesmo é ficar na cadeia sem nenhum benefício, pois muitos cidadãos de bem não tem as “regalias” que muitos presos possuem. Essa ideologia faz com que as ações destes sejam permeadas por violência, já que segundo os agentes, os apenados não deveriam receber esse tratamento, e quem deveria receber eram eles que são trabalhadores. Essa descrença na ressocialização e o sentimento de injustiça de receber tratamento pior do que dos apenados, é um discurso bem presente na instituição.

Observamos que a relação entre os agentes penitenciários e os detentos é desarmoniosa. E um dos fatores que colaboram para essa realidade é que muitos dos agentes que prenderam são os que estão fazendo atualmente a escolta dos apenados. Além disso, os agentes parecem não perceber suas contribuições para a reinserção dos presos, e alguns preservam a visão de que *“lugar de vagabundo é na cadeia ou no cemitério”*.

Percebe-se a necessidade de uma conscientização dos agentes de seu trabalho realizado na instituição e como eles contribuem ou podem contribuir na ressocialização dos apenados. Talvez proporcionar a eles a oportunidade de participar das terapias pode levar a essa conscientização e até favorecer uma melhor interação entre eles e os detentos. Além disso, outra opção seria formar uma equipe paralela de agentes, a que esteja envolvida somente com o tratamento dos presos conscientes do papel ressocializante da ACUDA, e outra dos agentes que estão envolvidos com a escolta. Também se observa que o número de agentes é insuficiente, embora tenha melhorado. Pois antes além de serem em quantidade insuficiente, muitos deles faltavam, o que impedia que os apenados pudessem fossem para a instituição.

Em relação ao apoio familiar, todos os apenados são unânimes em afirmar que este é importante no processo de ressocialização, e sentem a desestruturação familiar e o abandono como desencadeadores de revolta e de

tentativas de fuga. E a preocupação com o sustento da família pode aumentar o risco de retornar aos meios ilícitos de ganho fácil (JUNQUEIRA, 2005).

A importância das famílias neste processo de ressocialização é indiscutível, porém, tanto os apenados, como os coordenadores do projeto afirmam que estas em muitos casos criam barreiras para a ressocialização do apenado, pois são as mesmas que muitas vezes vão ao presídio e levam consigo drogas e celulares. Notamos uma importante contradição, pois é a família quem dá apoio para que o detento saia do crime, e esse é o discurso verbalizado pela família; mas ao mesmo tempo suas ações comunicam a necessidade de que o apenado permaneça no crime. E diante disso, ouvimos várias vezes que é devido às atitudes da família que é necessário realizar um acompanhamento psicoterapêutico com a mesma.

Porém, notasse uma resistência para realizar um acompanhamento com as famílias, percebemos que no projeto de extensão somente as que já tinham tido contato anterior com a psicologia é que aceitaram o convite para participar. O que pode indicar que as que não aceitaram precisam ser esclarecidas sobre o trabalho feito pela psicologia. E por meio de palestras esclarecedoras por parte dos psicólogos essa visão talvez possa ser construída, de modo a mostrar-lhes que o trabalho de escuta diminui angústias, ansiedades e ajuda na relação dentro da família e principalmente no que diz respeito à relação com o apenado, principalmente quando este está prestes a retornar ao ambiente familiar. Segundo Junqueira (2005) o atendimento à família, principalmente às esposas é feita “visando auxiliar na retomada conjugal e no restabelecimento de papéis dentro da família, visivelmente abalados” (p.28).

A intervenção mais efetiva, para melhorar o relacionamento da família com o preso e para que estas ajudem no processo de ressocialização, acreditamos que já teve início através do projeto de extensão universitária, orientado pela Dr^a. Hercília Junqueira. Pois as famílias têm recebido atenção psicoterapêutica, que tem apoiado e tem dado orientações de como lidar com essa situação de forma a contribuir na reinserção desde na sociedade e também no lar que foi deixado. Espera-se que ao longo do tempo possamos ver os frutos do projeto.

O atendimento realizado com os apenados, por sua vez, tem como ponto principal a escuta, o apoio e a empatia para com o outro. No entanto, observamos que o movimento do grupo dos detentos direciona-se para a não busca pelo atendimento. As resistências são evidentes e cotidianamente estão sendo desconstruídas. Rogers (1987) *apud* Junqueira (2005) afirma que, “quando a pessoa é capaz de enfrentar e aceitar suas reações de caráter defensivo, como fazendo parte de si, torna-se capaz de assumir papéis mais coerentes com a sua nova visão” (p.171) e assim se torna mais aberta ao novo. No entanto, percebe-se que na visão dos presos, o psicólogo ainda é aquele que tem como responsabilidade o cuidado do *louco*, e em virtude desse equívoco temem serem vistos como loucos e criam defesas para não buscarem o novo, neste caso, a psicoterapia e as descobertas que esta pode lhes proporcionar. Isso demonstra a necessidade de esclarecimento da atividade do psicólogo na instituição. Além disso, é explícito o medo de se abrir, de mostrar os próprios conteúdos e tornar-se uma pessoa vulnerável. O medo é então interno e externo, pois o fato de contar sobre eles mesmos implica, em sua visão, no conhecimento de seus conteúdos por parte da instituição.

É interessante notar que muitos dos que atualmente buscam o atendimento já passaram pelo mesmo em momentos anteriores, e desconstruíram seus preconceitos e seus mitos em relação ao trabalho da psicologia. A visão dos detentos e a não participação de muitos, justifica-se também pelo fato da atividade não ser algo obrigado, a necessidade deles escolherem ou não o atendimento implica na vulnerabilidade diante do grupo, o que para muitos é motivo da não participação por eles.

Relativo à percepção da instituição sobre a necessidade e importância da psicoterapia na instituição, o corpo técnico possui um discurso que defende a importância da atividade, da necessidade do sujeito ouvir a si mesmo no processo de conscientização, pilar do trabalho na ONG. Observamos, no entanto, que muito há de ser feito para que a visão do corpo técnico da instituição melhore sua postura em relação ao trabalho psicoterápico, desde simples encorajamento e esclarecimentos aos apenados até mesmo um diálogo maior com os estagiários em psicologia.

Com isso, acreditamos que o corpo técnico deve se posicionar reconhecendo diariamente a importância da psicoterapia e também encorajando os detentos. E quanto à equipe de estagiários é necessária uma posição mais crítica, direcionada para a construção do vínculo com os presos e conscientização da importância da participação na atividade terapêutica. Dessa maneira temos que quebrar com o modelo tradicional de psicoterapia e ir ao encontro do sujeito assujeitado em cada atendido pela ONG. Acreditamos também que a manutenção do projeto deve continuar, almejando atender cada vez mais participantes. Assim como ampliar para que o corpo técnico também seja atendido.

Em relação ao futuro da ACUDA, podemos perceber que há um atravessamento que diz respeito aos problemas enfrentados atualmente, que - segundo um dos coordenadores do projeto, já foram tantos no passado, que hoje parece estar tudo funcionando bem, sem maiores problemas. E como o mesmo relatou, eles têm perspectivas de aumentar a estrutura que hoje atende cerca de sessenta detentos, para que passe a atender 200, e também querem comprar um terreno que fica atrás da instituição para fazerem as reformas de ampliação. Além disso, há a necessidade de construir uma cozinha adequada, com um bom refeitório para que os apenados possam preparar suas refeições e se alimentarem de modo digno dentro da ONG. Logo, quando se fala que não há problemas podemos analisar como um atravessamento que ameniza a situação atual devido à comparação de problemas aparentemente maiores enfrentados no passado.

Outra questão diz respeito à necessidade que se têm de que haja divulgação dos trabalhos da Acuda, sua proposta, suas conquistas, suas derrotas (que também ensinam), de modo a fazê-la mais conhecida pela comunidade. E segundo Marques (2010), é importante essa divulgação de modo a manter a Acuda aberta e funcionando, além de aumentar nosso poder de atender a estas pessoas as quais Jesus nos recomendou que visitássemos, em seu Nome, pois tudo que fizéssemos a eles, era a Ele mesmo que estaríamos fazendo.

Algumas considerações para a dinâmica institucional

Diante de nossa atuação a instituição percebemos o quanto as relações cotidianas são reveladoras da dinâmica institucional e cristalizações das praticas ali exercidas, sendo necessário olharmos mais atentamente e ouvir as diferentes vozes que ali estão presentes para podermos considerar o instituição em sua completude.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, F. B. de. O processo de inclusão de ex-encarcerados no mercado de trabalho e no meio social. Relatório de pesquisa do PIBIC da Universidade Federal de Rondônia. 2009.
- BAREMBLITT, G.. Compêndio de Análise Institucional. Rio de Janeiro: 3a. ed., Rosa dos Tempos, 1996.
- BENEVIDES, R. D. B. Grupos: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- BLEGER, José. Temas de psicologia: entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 2007. O grupo como instituição e o grupo na instituição (p. 101-122).
- DECOM. Universitários da Holanda visitam o presídio Urso Branco em Rondônia para elaborar documentário. Disponível em: <<http://www.ariquemesonline.com.br/textos.asp?codigo=11189>> Acesso em: 20 de Nov. de 2010.
- JUNQUEIRA, Maria Hercília Rodrigues. A Expansão do Self de Presidiários: Encontro da Psicologia com a Arte e a Profissão. São Paulo, 2005.
- MARQUES, Luiz Carlos. Ganhador do Prêmio Betinho em RO trabalha na recuperação de presidiários. Disponível em: <http://www.coepbrasil.org.br/coepro/Publico/apresentarConteudo.aspx?CODIGO=C201016135055437&TIPO_ID=3> Porto Velho, Janeiro de 2010.
- RELATÓRIOS ESTATÍSTICOS DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Analíticos do Sistema Prisional Brasileiro. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm>> Acesso em: 09 de Fev. de 2009.
- RIBEIRO, Cynthia. Emprego e cultura reinsere ex-detentos de Porto Velho. Disponível em: <http://www.responsabilidadesocial.com/article/article_view.php?id=1007> Acesso em: 20 de Nov. de 2010.

RODRIGUES, Helena de Barros Conde; SOUZA, Vera Lúcia Batista de. A Análise institucional e a profissionalização do psicólogo. In: KAMKHAGI, V. R. e SAIDON, O. (Orgs.). Análise Institucional no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

SEVERO, M. C. Estratégias em Psicologia Institucional. São Paulo: Loyola, 1993. (p. 17-36).

Projeto teatral "Bizarrus", de Rondônia, é modelo em processo de reabilitação de presos: Disponível em: <<http://www.crimecongress2010.com.br/portal/site/projeto-teatral-bizarrus-de-rondonia-e-modelo-em-processo-de-reabilitacao-de-presos/>>

Acesso em: 20 de Nov. de 2010.

Title

Oh help and the Inmates: An Institutional Analysis.

Abstract

The Brazilian prison system is flawed. Over several years, the prison system was to serve as the main characteristic human captivity, without providing the appropriate conditions to achieve its purpose, as illustrated in an inmate's return to social life, without it being considered a risk to society (Alencar, 2009). The scrapping of the prison system reflects the different social thoughts, which do not despise and reassess the way detainees are treated in the prisons.

Keywords

Prisoners. Prison system. Analysis.